



Ministério da Saúde

FIOCRUZ
Fundação Oswaldo Cruz



ESCOLA POLITÉCNICA DE SAÚDE
JOAQUIM VENÂNCIO

Milena da Silva Guimarães

TEMPO LIVRE: implicações na formação dos adolescentes.

Rio de Janeiro

2016

Milena da Silva Guimarães

TEMPO LIVRE: implicações na formação dos adolescentes.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Tereza Cristina Ramos Paiva

Rio de Janeiro

2016

Milena da Silva Guimarães

TEMPO LIVRE: implicações na formação dos adolescentes.

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Orientadora: Tereza Cristina Ramos Paiva

Aprovado em:

BANCA EXAMINADORA

Grasiele Nespoli - EPSJV

Valéria Fernandes de Carvalho - EPSJV

Tereza Cristina Ramos Paiva - EPSJV

*Dedico esse trabalho a minha família e a todos os
estudantes da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio*

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) pelo apoio institucional e oportunidade de vivenciar tal experiência, além de se constituir como um sonho realizado em minha vida.

Agradeço a minha orientadora, com quem compartilhei ideias, construções, amizade e verdadeira troca de conhecimentos. Sou muito grata pela atenção, paciência, dedicação e carinho que me foram atribuídos durante todo o processo de elaboração do estudo.

Agradeço a minha família e amigos por todo o apoio e compreensão nos momentos de construção deste trabalho, principalmente a minha mãe, por aturar meu estresse e mostrar-se a todo tempo disposta a me acolher.

*Que sejas ainda mais
vivo no som do meu
estribilho Tempo
Tempo Tempo Tempo
Ouve bem o que te
digo Tempo Tempo
Tempo Tempo
(Caetano Veloso)*

RESUMO

Na atualidade o homem vem ocupando grande parte de seu tempo com as obrigações e atividades laborais em detrimento de um tempo livre, unicamente seu, onde tenha a liberdade de escolher a atividade a qual gostaria ou não de realizar. Este trabalho tem como objetivo conhecer os significados e as implicações do tempo livre para adolescentes que estudam em escola profissional técnica de nível médio em regime de horário integral onde seus estudantes passam a maior parte do tempo, num regime de nove horas diária, para compreender em que medida o uso do tempo livre pode refletir na sua formação, favorecendo uma vida mais saudável ou pode estimular padrões determinados pelo consumo, produzindo sujeitos carregados de sofrimento e exaustão, orientados mais por desejos alheios do que por seus próprios anseios.

Palavras-chave: Tempo livre, Saúde do adolescente, Ócio, Adolescência.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	09
2 OBJETIVOS.....	13
3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO TEMPO LIVRE.....	14
4 TEMPO LIVRE E FORMAÇÃO DOS ADOELSCENTES.....	21
5 METODOLOGIA.....	25
6 O TEMPO LIVRE NA GRADE ESCOLAR: A EXPERIÊNCIA DA EPSJV.....	27
7 CONCEPÇÕES E USOS DO TEMPO LIVRE.....	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	47
APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	49
APÊNDICE B - QUESTÕES NORTEADORAS PARA O GRUPO FOCAL.....	49
APÊNDICE C – PERFIL DOS PARTICIPANTES DO GRUPO FOCAL.....	50
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO.....	51

1 INTRODUÇÃO

*Enquanto o tempo acelera e pede pressa
Eu me recuso, faço hora, vou na valsa.
A vida é tão rara*

(Paciência -Lenine e Falcão)

Este estudo visa discutir as concepções e importância do tempo livre para adolescentes que estudam em uma escola de tempo integral, onde o tempo voltado para atividades escolares ocupa grande parte de seu cotidiano. A justificativa pelo desenvolvimento deste tema provém inicialmente do interesse em compreender melhor os significados e usos do tempo livre para os adolescentes, e em que medida estas questões vivenciadas no cotidiano podem refletir na sua formação, seja favorecendo uma vida mais saudável ou, expondo-o a situações de vulnerabilidade.

O tempo não é algo concreto, tal qual um objeto que se pode manipular, mas sua existência permeia nossa vida a partir do momento que nos inserimos no mundo e desde então o sentimos, seja a partir da perspectiva biológica, ao passo que o organismo se modifica de acordo com a passagem do tempo, seja a partir do cotidiano, conforme o ser se desenvolve e participa de forma mais ativa da sociedade, construindo relações, convivendo com a demanda de tarefas, assumindo responsabilidades. Deste modo, a pressão que as horas e minutos exercem sobre os indivíduos torna-se cada vez maior. É possível observar que o homem cada vez mais tem privilegiado as atividades laborais, suas responsabilidades e obrigações, em detrimento de um tempo livre, unicamente seu, onde tenha a liberdade de escolher a atividade a qual gostaria ou não de realizar (SARRIERA et al. 2007).

De acordo com Martins (2008), o ser humano é o verdadeiro responsável por medir, controlar e quantificar o tempo. Ao longo dos séculos, mas principalmente na sociedade industrial, o fator tempo ganhou um maior destaque e significados diferentes do que representava anteriormente. No atual modelo de sociedade, o trabalho ocupa um lugar de destaque. É ele o responsável por delimitar a conjuntura social que os indivíduos estão inseridos, encontrando-se presente na base das relações sociais, das responsabilidades, da economia, da educação, como também na delimitação e uso do tempo. As questões do cotidiano, que delimitam prazos e exigem o máximo para o seu cumprimento, ocupam a maior parte do tempo e acabam por enfatizar a

construção de um pensamento que concebe os momentos de tempo livre e ócio como algo libertino, justamente por carregarem o sentido de repouso, descanso, inclusive na etimologia da própria palavra ócio, originada do latim, “otium”, que significa fruto das horas vagas, do descanso e da tranquilidade.

O termo ócio, seja devido ao viés religioso cristão ou pela influência de ideais da revolução industrial, passou a carregar significados negativos, por ser visto como um tempo improdutivo, diferentemente do que ocorreria nas sociedades anteriores à Revolução Industrial.

O que outrora representava um valor nobre de vida educativa e contemplativa, um ideal de sabedoria, a partir do século XIX veio adquirindo significações associadas às ideias de vadiagem, libertinagem, improdutividade, desordem, tempo desperdiçado e, um pouco mais a frente, de lazer (PINHEIRO; RHODEN; MARTINS, 2010, p.1134).

Junto com o tempo surgiu um fenômeno bastante conhecido da atualidade: a pressa. Responsável por impulsionar os grandes avanços tecnológicos da realidade atual, esse fenômeno, associado ao trabalho, também é responsável pelo estresse e o extremo cansaço predominante na sociedade moderna, em que se preocupa em criar equipamentos com a finalidade de se ganhar mais tempo para este ser ocupado por mais e mais tarefas e afazeres, não havendo espaço para se pensar o descanso, o tempo livre, o ócio, em meio a tantas turbulências e pressões cotidianas advindas das tarefas, responsabilidades, atividades laborais ou escolares (MARTINS, 2008, p. 2).

A noção de tempo livre que vivenciamos atualmente, portanto, adveio do período pós Revolução Industrial, proveniente da liberação do tempo que deveria ser dedicado ao trabalho, já que este último não abrigava à ideia de liberdade, logo, a liberdade não poderia ser exercida durante as atividades de trabalho. Somando-se a isso, entendia-se que a liberdade, enquanto constituição do sujeito estava limitada pelo processo de alienação, característica imposta pelo sistema de produção capitalista (AQUINO E MARTINS, 2007).

O homem, porém, passou a viver um embate entre as atividades obrigatórias decorridas de sua função laboral e a reivindicação por uma maior liberdade em relação a estas, a fim de poder usufruir um tempo apenas seu. Atualmente muitos autores, como, Pinheiro, Rhoden e Martins (2010), destacam a importância do tempo livre para a saúde física e psicológica dos indivíduos, concebendo a ele um valor positivo, tanto no sentido de compreendê-lo como lazer, isto é, como um tempo de liberdade voltado para o descanso e reposição de energia para o trabalho, como, e

principalmente, como ócio, em que o tempo está relacionado com uma liberdade em seu sentido mais utópico, a ser alcançado futuramente ou como o tempo do “nada fazer”.

Em relação ao ócio, afirma Martins (2008, p.9):

O ócio constitui uma experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana. No pensamento que convoca a subjetividade, o ócio tem relação com a vivência de situações e experiências prazerosas e satisfatórias, intrínsecas ao sentido atribuído por quem às experimenta.

Desta maneira, o tempo livre passa a ser compreendido em termos subjetivos, como algo que resguarda a individualidade de cada pessoa, independente de fatores que a condicionem, e está muito mais interligado à emotividade de cada ser, o mundo interior de cada um, abarcando uma maior noção de liberdade e menor de tempo perdido, seja ele entendido como lazer, ócio ou nada fazer. O tempo livre, portanto, neste estudo será entendido como um tempo de liberdade, que, dependendo de como é vivido, pode se traduzir não apenas em experiências que levem a condutas de risco, mas, principalmente, que promovem o autodesenvolvimento do sujeito.

No caso dos adolescentes, embora o tempo livre seja bastante associado a situações perigosas, ele também pode ser vivenciado como uma experiência subjetiva. A adolescência, segundo Peres e Rosenberg (1998), pode ser compreendida a faixa etária entre os 10 e 20 anos de vida e se constitui numa fase de transição acompanhada de grandes transformações, tanto biológicas, quanto psicológicas e sociais, não pode ser tratada como um processo homogêneo e livre de variações, visto que os seres humanos carregam consigo cada qual sua individualidade desenvolvida de acordo com os diferentes contextos sejam econômicos, sociais e culturais.

Embora com essas especificidades, os adolescentes, de modo geral, tendem a estarem mais expostos a novas experiências do que os demais grupos etários. Assim, para os adultos, a vivência do tempo livre pelos adolescentes está mais relacionada à situações e comportamentos que os ponham em risco, como uso abusivo de drogas, envolvimento em situações de violência ou acidentes, reforçando o provérbio que “cabeça vazia é a oficina do diabo”. Porém, o tempo livre para os adolescentes abarca uma maior noção de liberdade e menor de tempo perdido, seja ele entendido como lazer, ócio ou nada fazer, podendo se traduzir, conforme a maneira como é concebido e vivenciado, em experiência subjetiva de maior desenvolvimento pessoal (SARRIERA et al., 2007).

Este trabalho representa uma tentativa de investigação e compreensão das implicações do uso do tempo livre na formação dos adolescentes que estudam em escola profissional técnica de

nível médio em regime de horário integral. Além desta introdução onde apresento o tema e o objeto de meu estudo, bem como a justificativa da escolha do tema, seus principais conceitos e as questões norteadoras, o trabalho se estrutura em outras seis seções. Na segunda seção apresento o objetivo geral e os objetivos específicos do estudo. Na terceira apresento algumas abordagens de tempo livre em diferentes épocas e contextos históricos e sociais; na quarta seção busco compreender como o tempo livre pode influenciar na formação dos adolescentes. Na quinta seção descrevo os instrumentos metodológicos escolhidos para alcançar os objetivos propostos, e nas duas últimas seções busco descrever a experiência da incorporação de um turno livre em uma escola de tempo integral e analisar as concepções e usos do tempo livre na formação de adolescentes. O estudo foi realizado na Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio, unidade técnico-científica da Fundação Oswaldo Cruz/Fiocruz voltada para a educação profissional técnica na área da saúde, onde existe na grade curricular um turno semanal de tempo livre.

2 OBJETIVOS

- **OBJETIVO GERAL:** Analisar em que medida as concepções e vivências de tempo livre influenciam na formação de adolescentes estudantes de escola profissional técnica de nível médio em regime de horário integral.

- **OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

- 1) Descrever diferentes significados atribuídos ao tempo livre;
- 2) Compreender a relação entre tempo e formação dos adolescentes;
- 3) Conhecer o processo de inclusão de tempo livre na grade curricular de uma escola de ensino médio em tempo integral;
- 4) Identificar concepções e usos do tempo livre dos adolescentes que estudam em escola de educação profissional técnica de nível médio em regime de horário integral.

3 A CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTÓRICA DO TEMPO LIVRE

*O tempo não pára no porto,
não apita na curva,
não espera ninguém.
(O Tempo - Reginaldo Bessa)*

Tempo livre e tempo de trabalho, ambos os termos tem em comum o acompanhamento da palavra tempo em seu início. O tempo permeia a vida de um indivíduo a partir do momento de seu nascimento e o acompanha ao longo de toda a sua trajetória até a morte. De acordo com Sant'anna (1994), o tempo possui referências místicas e religiosas, como foi representado na mitologia grega como a figura de Cronos, um titã que devora seus filhos a partir do momento do nascer, mantendo-se insaciável, e para tanto, não se satisfaz em devorar apenas os anos, como também o faz com cada ser que os atravessa. Aparece também na Europa da Idade Média como o tempo litúrgico, pertencente ao sagrado, aos deuses.

O tempo também já foi concebido com valor laico, pertencente aos homens, podendo ser comercializado, medido e contabilizado. As referências políticas e ideológicas, como os calendários estipulados por chefes de governo e reis, assim como as referências naturais, como o movimento dos astros e os períodos de colheita na agricultura, caracterizam outras maneiras como o tempo foi representado, e que guarda alguns sentidos até os dias atuais (SANT'ANNA, 1994).

De acordo com Melo, Togeiro e Gaidzinsk (2007), nas sociedades primitivas as atividades eram coletivas, havia uma maior interação com a natureza e o tempo era determinado de forma passiva, isto é, não havia reflexões ou determinações acerca do tempo. A mudança só começou a ocorrer quando o homem passou a produzir o próprio alimento, respeitando os ciclos agrícolas e o movimento dos astros e a partir de então, o tempo passa a ser determinado de forma ativa e cíclica. Quando o homem substitui os instrumentos naturais de medição do tempo por outros de sincronização, como o relógio, a concepção do tempo ganha um sentido linear, progressivo, caracterizado por um sentimento de irreversibilidade, que se expressa por uma sensação de que não é possível alterar o curso do tempo, pois ainda que mensurável com a utilização de instrumentos, o tempo escapa de nossas mãos como o curso de um rio. No entanto, mesmo com esses instrumentos de medição, no ambiente rural pode se observar poucas alterações na concepção do tempo, que se manteve cíclica, através do respeito aos ciclos agrícolas, do contato

com a vida animal ou do tempo de espera pela colheita¹ (MELO, TOGEIRO, GAIDZINSK, 2007).

A partir do desenvolvimento da indústria observa-se uma estreita relação entre o tempo e o trabalho. É através do trabalho que o homem se viu capaz de dominar a natureza, arrancando a matéria-prima fornecida com a finalidade de modificá-la, lapidá-la de acordo com as relações comerciais que tendem a transformar tudo em mercadoria, o que acarreta na separação da relação do trabalho com o lúdico ou o sagrado, sendo essa relação vista, em alguns casos, como um atraso técnico e cultural e não como uma forma mais livre do uso do tempo, que passa a ser regulado e mecânico.

O trabalho deixou de ser exercido como uma tarefa a ser desenvolvida no tempo natural, e o espaço de trabalho, que antes se confundia com o espaço privado, onde o artesão tinha seu ateliê juntamente com a sua moradia, passou para um local específico, destinado exclusivamente para o desenvolvimento das atividades produtivas, reguladas pelo relógio, isto é, por um tempo mecânico (MELO, TOGEIRO, GAIDZINSK, 2007, p88).

No século XVIII, portanto, com o desenvolvimento técnico industrial nos grandes centros urbanos, o tempo torna-se mecânico, sendo dividido em compartimentos como, tempo de trabalho, tempo livre e tempo de estudo. No que diz respeito principalmente aos dois primeiros, a visão comercial está muito presente, visto que o trabalhador vende seu tempo de trabalho ao patrão e compra o tempo livre com o intuito de se divertir e descansar. Foram criados aparatos cada vez mais desenvolvidos com o objetivo de agilizar as tarefas, as pessoas, as linhas de produção. A partir dessa concepção, torna-se cada vez mais difícil separar trabalho, tempo e dinheiro, portanto, não ser capaz de dar conta de qualquer um deles seria o mesmo que atentar contra a sobrevivência. É nesse contexto que o homem substitui o próprio tempo, acelerando e produzindo sinteticamente o que a natureza levaria um período muito mais longo, dominando-a e transformando rapidamente a matéria-prima extraída do ambiente natural em mercadoria para o

¹ Esta relação do tempo no meio rural, análogo ao tempo dos animais, que ainda persiste nos tempos atuais, demonstra a distinção entre as noções de tempo entre a cidade e o campo, como pode ser observado no trecho do poema Boitempo, de Carlos Drummond de Andrade (1979): “(...) No gado é que dormimos

e nele que acordamos.
Amanhece na roça
de modo diferente.
A luz chega no leite,
morno esguicho das tetas,
e o dia é um pasto azul
que o gado reconquista.”

mundo moderno capitalista, passando o tempo a ser cada vez mais dedicado e relacionado ao trabalho, tornando escasso o tempo livre (ATTALI apud SANT'ANNA, 1994).

No final do século XIX e início do século XX, a situação não se modifica. Sobre a influência de Taylor, a economia do tempo e sua distribuição programada do tempo de trabalho passam a ser incorporadas como uma lei econômica básica em diferentes ramos da produção. Assim os tempos ocupam lugar de destaque na administração e organização das empresas.

Taylor (...) direciona seus estudos para o conteúdo do tempo de trabalho e aos ritmos nos quais ele acontece, colocando como um dos pontos centrais de sua administração, chamada de administração científica, a introdução do cronômetro e a divisão do trabalho em fases ou elementos de trabalho, que serão medidos separadamente e servirão como base para determinar o tempo mínimo e o tempo padrão de uma atividade a fim de manter um ritmo e um nível de produção (MELO, TOGEIRO, GAIDZINSK, 2007, p89).

É válido ressaltar que ao possuir certo domínio sobre o tempo, o ser humano se submeteu às demandas do capital e necessitou sacrificar distrações, momentos de ludicidade e de descanso que anteriormente não eram tão distantes do trabalho, pois, se por um lado o homem dominou o tempo, por outro o trabalho o dominou ao transformá-lo em meio de aumento do capital. O espaço de trabalho nas fábricas é considerado um grande exemplo desse modelo, pois esse local demarcado por uma divisão de tarefas, em meio a máquinas e quantificado por horas, não permitia qualquer tipo de distração. O tempo de duração da jornada de trabalho gradativamente estendeu-se, chegando a 14 horas, desrespeitando de todas as maneiras possíveis o tempo livre do trabalhador. Na verdade, havia somente um tempo de reposição de energia para um novo dia de trabalho, sem o qual o indivíduo estaria impossibilitado de trabalhar. Nesse contexto houve resistências, principalmente do movimento operário, em prol do aumento do tempo livre de forma legitimada, através de fins de semana e férias, o que ia contra as ambições do capital (SANT'ANNA, 1994).

Na sociedade atual, os alicerces no tempo livre continuam atrelados ao capital. A indústria do lazer passa a se desenvolver com o consumo de brinquedos e equipamentos esportivos, por exemplo, e para consumir é necessário que o trabalhador possua tempo e recursos financeiros para dar conta de atender a todas as novas demandas. Outra questão importante é que o trabalhador, descansado, torna-se mais produtivo durante o tempo de trabalho, trazendo assim conjuntamente com a finalidade do consumo, uma outra finalidade do tempo livre, que é a de reposição de energias para o trabalho. Surge a preocupação do uso que o trabalhador faz do

tempo livre, podendo este ser o lugar do florescimento tanto do erro como do bem-estar, pois reduzir o tempo da jornada de trabalho pode munir o trabalhador de uma liberdade de escolha no seu tempo livre a qual não necessariamente será aproveitada de acordo com as leis ou voltada para o que são consideradas boas práticas. Nesta perspectiva, surge a necessidade de organização do tempo livre do trabalhador, colocando-o disponível a pesquisas realizadas por diferentes instituições sociais, como a polícia, a justiça e a Igreja, buscando resposta aos interesses econômicos, políticos, morais, objetivando torná-lo em algo de utilidade para diversos setores sociais. Para tanto, o lazer começa a ganhar espaço no cenário social, tornando-se a negação do ócio, transformando as formas de diversão e descanso em disciplina para o trabalho (SANT'ANNA, 1994).

Ainda de acordo com Sant'anna (1994) diferentemente dos tempos antigos, como na Grécia, em que o ócio era visto como algo positivo, capaz de levar os seres a uma profunda reflexão sobre a vida e proporcionar momentos de inspiração para futuras criações, a partir da Revolução Industrial o ócio passa a ter seu significado atrelado a aspectos negativos, chegando até mesmo a ser confundido como doença. E obviamente que nesse contexto de discussão sobre os usos do tempo livre, era necessária a apresentação de soluções que dessem conta de combatê-lo. Para tanto, no Brasil foi criado o seu oposto, tal qual um antídoto que curasse esse mal, e assim foram apresentados os programas e as concepções de lazer. É interessante ressaltar que o combate ao ócio estava presente também nas antigas instituições de ensino, pois se entendia a ociosidade como atitude que poderia prejudicar o aprendizado do aluno, tornando pior o seu desempenho nas atividades escolares. Considerado um atentado à moral instituída e um mal a ser corrigido, foram construídos diversos espaços de lazer como clubes e jardins, que condiziam com a conduta política, higiênica e religiosa que as autoridades adotavam. Durante os anos 1930, os programas de lazer e demais atividades esportivas sofreram um aumento significativo, com objetivos pedagógicos e contrários às atitudes ociosas. Foi nesse momento, inclusive, que apesar de algumas resistências, foi implementado o ensino de educação física nas escolas secundárias.

A partir dos anos 70 intensificaram-se as discussões sobre o tempo livre no cenário brasileiro, ainda que nos tempos da ditadura militar o que levava à ocorrência de movimentos distintos: a temática do tempo livre e a exaltação do trabalho promovida pelo Governo Militar. É importante ressaltar que o movimento de inserção do tempo livre estava vinculado a um interesse em estudar e conhecer de que maneira o trabalhador poderia usufruir desse tempo, o que não

deveria ser contrário ao modelo político e econômico vigente, visto que a finalidade de tal conhecimento era justamente administrar o uso que o trabalhador faria do tempo que passava fora do horário de trabalho. Desse modo, o termo lazer inseriu-se nesse contexto, significando o uso de um tempo livre de acordo com a moral instituída e que ao mesmo tempo atendesse a utilidade econômica. Em relação aos padrões de normalidade instituídos na década de 70, condiziam à prática de atividades físicas que contribuíssem para um corpo saudável, produtivo ao trabalho e uma mente alienante, o que demonstrava uma maior preocupação com o mundo do trabalho do que com o lazer propriamente dito (SANT'ANNA, 1994). O tempo livre passa então a ser preenchido com a intenção de não dar lugar ao ócio nem a liberdade.

De acordo com Munné (1980) existem quatro tipos fundamentais de tempo social: O tempo psicobiológico, que se caracteriza por ser um tempo mais individual, ligado às necessidades psíquicas e biológicas, tais como o momento de alimentar-se, dormir, atividades sexuais, dentre outras; o tempo socioeconômico, que diz respeito às necessidades que o ser humano tem de se manter economicamente, tais como as atividades laborais, domésticas, estudos, demandas pessoais e coletivas; o tempo sociocultural, estando mais relacionado às práticas sociáveis do indivíduo, como compromissos estabelecidos por esse modelo de sociedade; e o tempo livre, entendido como um tempo livre de quaisquer tipos de obrigações, tempo em que o indivíduo pode ser mais autônomo em suas escolhas, seja na vida pessoal ou social, o sujeito pode utilizá-lo com total liberdade e de maneira criativa.

Do ponto de vista da liberdade que cada um desses termos invoca, entende-se que o lazer está atualmente relacionado com o tipo de liberdade voltado para o descanso e reposição de energia para o trabalho, enquanto que o ócio relaciona-se com uma liberdade em seu sentido mais utópico, como algo ainda no campo das ideias, algo a ser alcançado futuramente, e que se constituiria numa experiência gratuita, necessária e enriquecedora da natureza humana (MUNNÉ, 1980).

Em termos subjetivos, o ócio pode manter relação com a vivência de situações e experiências prazerosas e satisfatórias, intrínsecas ao sentido atribuído por quem às experimenta. No grupo das funções psicológicas, nessas experiências incluem-se funções de desenvolvimento, diversão e descanso, estando atreladas ao equilíbrio psicológico do indivíduo. Em sua função simbólica, o ócio compreende a percepção de identidade, a afirmação pessoal em relação aos

demais, a autonomia na escolha das atividades no tempo livre. E a sua função terapêutica relaciona-se às possibilidades de manutenção da saúde física e mental.

O ócio também contribui para o rompimento de mecanismos alienantes que a sociedade produz e que ao mesmo tempo torna produtos seus integrantes. Para tanto, vale considerar que o ócio não necessariamente significa a falta de atividades ou passividade, pois o tempo do ócio vai além do tempo cronológico, é subjetivo, está relacionado à percepção de liberdade, ao significado da motivação íntima por determinada atividade, ao desfrute e reconhecimento de estar implicado em algo, permite agregar valores ao interior de cada ser, enfrentar desafios, promover a introspecção e desenvolver a autoexpressão, tornando-se desse modo uma vivência subjetiva plausível e construtiva (MARTINS, 2008).

Desta maneira, apesar de o tempo constituir a vida de cada ser, o termo tempo livre está relacionado com a liberdade de escolha de cada indivíduo e uma visão mais subjetiva da experiência temporal. A palavra “livre” remete às vontades das pessoas e a um maior conhecimento sobre si mesmas, tornando possível o surgimento de outra forma de vivenciar o tempo, com a mudança de hábitos e perspectivas, através de um olhar mais subjetivo, o que se contrapõe à visão mais difundida e materializada do tempo, sujeitado a uma ordem linear e cronológica, centrada no consumo e nos objetivos da sociedade capitalista.

Considerando o exposto, é possível observar que não existe uma única concepção de tempo e de tempo livre comum a toda a humanidade. Se nas sociedades primitivas existia uma integração entre tempo e natureza, a partir do desenvolvimento da indústria observa-se uma estreita relação entre o tempo e o trabalho. Independente da maneira como é representado ou abordado, em função das diferentes visões que cada sociedade e período temporal atribuem, o que o ser humano sempre almejou foi compreender o tempo a fim de manipulá-lo, dividi-lo, medi-lo, com o desejo de conhecer o futuro, paralisar ou prolongar o tempo nos momentos mais prazerosos e avançar nos momentos de maior dificuldade.

Conquistar o tempo, portanto, significa obter poder, saber o que lhe acontecerá futuramente, burlar a morte. Medir o curso do tempo foi algo primeiramente alcançado, para isso o homem utilizou ampulhetas, relógios de sol, relógios mecânicos, levando em consideração o modo e as crenças de cada sociedade, tendo em vista uma temporalidade entendida enquanto cíclica, ao ponto que tudo retorna, ou entendida enquanto linear, possuindo início, meio e fim (SANT'ANNA, 1994, p. 10).

Porém, em meio a tantas turbulências e a pressão cotidiana advinda das tarefas, responsabilidades, atividades laborais ou escolares, o tempo livre passou a ser cada vez mais escasso, visto que a sociedade moderna se orienta pela conectividade, pelo consumo e pela materialidade do tempo. Atualmente vivemos na era da tecnologia e da inovação, da rapidez e dos produtos eletrônicos criados para ao mesmo tempo darem conta da diversão, da agilidade nas tarefas e da praticidade da vida dos sujeitos. Muitas vezes, a venda de determinados produtos está associado à propaganda de que eles facilitam a vida das pessoas e as ajudam a poupar tempo, o que na verdade somente seria preenchido com novos afazeres ou com a maior utilização dessas mesmas tecnologias.

De acordo com Kehl (2009), a contemporaneidade é vivida enquanto “pura pressa”, cada minuto exige uma decisão e promete algum tipo de recompensa. E de fato, não há tempo para o autoconhecimento dos sujeitos, para maiores reflexões e para a própria vivência integral dos acontecimentos. Os momentos se atropelam, a sensação de culpa de estar perdendo tempo cresce junto às cobranças de se aproveitar mais e melhor o tempo para ser recompensado no futuro. O que acontece nas rotinas de trabalho e principalmente de estudo, com a ideia do eterno esforço para ascender na vida e viver de maneira inesquecível, produtiva, de acordo com a ideologia e ilusão que a sociedade propaga.

Ainda segundo a autora, são escassas as ocasiões em que vivenciamos o tempo de outra maneira, sem a velocidade imposta pela sociedade, com suas fugacidades e decisões instantâneas. Essa outra maneira de vivenciar o tempo seria mais tranquila, respeitando o ritmo do corpo e os estados da mente. O próprio dispositivo psicanalítico, por exemplo, oferece uma possibilidade de experimentar um tempo diferente daquele marcado pelo relógio, um tempo mais subjetivo (KEHL, 2009).

Como já foi dito anteriormente, a vivência do tempo livre, da subjetividade, é interessante à vida dos sujeitos, pois proporciona uma série de benefícios e agregação de valores que não são encontrados no tempo material, da pressa. A partir de uma forma mais subjetiva de se enxergar o mundo, o indivíduo pode ser capaz de expressar o desejo de libertar-se, de adquirir e ter maior consciência sobre si mesmo, de reivindicar um tempo para si, em que seja capaz enfim de fazer suas próprias e verdadeiras escolhas, estando elas submetidas a sua própria autoria. A liberdade do uso do tempo livre pode se constituir um caminho para esta experiência.

4. TEMPO LIVRE E FORMAÇÃO DOS ADOLESCENTES

(...) Temos nosso próprio tempo
Não tenho medo do escuro
Mas deixe as luzes acesas agora
O que foi escondido é o que se escondeu
E o que foi prometido, ninguém prometeu
Nem foi tempo perdido
Somos tão jovens
Tão jovens, tão jovens

(Tempo Perdido - Renato Russo)

O tema tempo livre para a juventude ainda é visto com preocupação, principalmente no que diz respeito à relação dos jovens com a violência e a criminalidade. Nos jovens de comunidade ou periferia, essa relação ainda é mais acirrada, fazendo parte de um discurso ideológico que acredita que esses jovens são mais vulneráveis e, portanto, mais expostos à violência. Em decorrência desta visão do tema enquanto problema social, por muito tempo não se discutiu a questão do tempo livre para esses jovens por ser considerado atrelado aos pilares da carência, violência e alienação, o que contribuiu para o desinteresse e depreciação das atividades que estes realizam quando não estão no trabalho ou escola. Foi somente na segunda metade do século XX que essa temática passou a ganhar visibilidade e interesse por parte dos estudiosos. No Brasil, o uso que os jovens fazem de seu tempo livre começou a ser entendido como formas de expressão e participação juvenil no cenário social apenas nas últimas décadas (FRANCH, 2002).

Ainda que com o aumento do interesse por esse tema nos últimos anos, é importante atentar-se à maneira como o tempo livre é introduzido tanto nas propostas de atuação, quanto nas políticas para o público jovem. Há ainda uma forte tendência de relacionar o tempo livre como ociosidade, e esta com riscos e a marginalidade. As atividades de lazer propostas em vários programas estão muito mais direcionadas à promoção de uma identidade coletiva e produção de expressões no meio artístico, político ou cultural, enquanto que as atividades mais ligadas ao lugar em que o jovem reside e suas relações de vizinhança, tem sido cada vez menos desenvolvidas, por se entender que não atenderiam as demandas de transformação da ordem social. Grande parte destas atividades é realizada em espaços formais, muitas vezes impedindo a vivência individual do tempo livre por parte dos jovens.

Segundo Franch (2002), os “espaços formais de lazer” - grupos de igreja, de capoeira, entre outros - têm em comum o fato de trabalharem atividades conduzidas por adultos, a portas fechadas, em horários e dias fixos, com a existência de uma hierarquia de funções e maior disciplina. Esses espaços, como as “agências juvenis”, existem nas diversas camadas sociais, mas têm ganhado espaço cada vez maior nas camadas mais baixas, devido ao interesse da inserção precoce dos jovens no mundo adulto, visto à crença de maior exposição **desse** à violência e marginalidade. As atividades propostas são apresentadas enquanto um “universo seguro”, em oposição às que acontecem espontaneamente nas ruas.

Camargo apud Bonato (2006) acredita que esses espaços formais se relacionam, muitas vezes, com o desejo dos adultos de afastar os jovens das ruas, possuindo um caráter autoritário, que para os adolescentes contamina qualquer expressão de liberdade. O autor também afirma que ao tentar obter controle sobre o lazer dos adolescentes, os espaços formais podem vir a receber resultados contrários aos esperados, como sentimentos de revolta e distanciamento dos mesmos.

Franch (2002) também aponta o caráter autoritário dos espaços de lazer para jovens, onde a “falta do que fazer” é vista como algo extremamente prejudicial ao bom desenvolvimento dos adolescentes na sociedade. Essa interpretação direciona a afirmação de que o acesso às drogas e a iniciação sexual precoce aconteceriam justamente nas horas vagas dos jovens, em que passassem longe do controle dos adultos, dos estudos ou do trabalho. Em comunidades populares este discurso ainda é mais frequente, o que torna necessária a atenção e sua análise, visto que pode estar vinculado ao pensamento de que a desigualdade social, a miséria, entre outras questões são provenientes da ociosidade, responsabilizando os mais pobres pela posição social que ocupam, estando intimamente atrelado à ideologia capitalista.

Invariavelmente, quando o assunto é jovem, o tempo livre é visto como fonte de perigo, uma das principais causas que afastam rapazes e moças do “caminho do bem”, arrastando-os pela trilha dos criminosos ou por outras indesejáveis sendas. Por esses motivos, ocupar o tempo livre passa a ser a palavra de ordem das agências infanto-juvenis. Ocupar, disciplinar, domesticar (FRANCH, 2002, p. 129).

Esta associação entre a ociosidade e os vícios está relacionada à construção social ligada à moral e a valorização do trabalho, ferramentas fundamentais do capitalismo e constituição de sua racionalidade, que objetiva produzir sujeitos alienados, vivendo muito mais por desejos e anseios externos do que motivados por suas próprias vontades.

Bonato (2006) aponta que a educação para o lazer é uma perspectiva que vem se fortalecendo nos últimos anos, criando um senso crítico que forme o indivíduo com o intuito de desfrutar de maneira adequada o seu tempo livre. Porém, retomando ao adolescente, não é interessante que ele participe de maneira apenas simbólica do processo de educação para o lazer, assim como também não é interessante que ele seja subordinado ao discurso autoritário dos espaços formais de lazer e das demais instituições de base da sociedade. Os resultados desse processo só teriam fundamento se a educação para o lazer estiver relacionada com o desejo de aprendizado através do protagonismo juvenil.

O protagonismo juvenil está relacionado à afirmação das habilidades e valores dos adolescentes, promovendo sua qualidade de vida, atuando no seu desenvolvimento positivo e propondo novas formas de inserção no mundo, o que significa que o adolescente assume se comprometer com o desenvolvimento, com os cuidados sobre si mesmo e seus pares e com a responsabilidade pela transformação da sua realidade social (BONATO, 2006).

Franch (2002) afirma que as agências juvenis poderiam ser consideradas agentes do processo civilizador entre os jovens de periferia, pois poderiam possibilitar o exercício de práticas contrárias à violência e à agressividade, o que nos dias atuais pode trazer benefícios fundamentais. Também poderiam se constituir como espaços importantes de lazer para os jovens, permitindo a experiência entre pares, criação da identidade, entre outros aspectos essenciais. Porém, em sua grande maioria, as atividades desenvolvidas direcionam-se para a lógica de combate à falta do que fazer o que pode colocar essas agências em posição de estímulo à reprodução e difusão da ideologia individualista e da ética do trabalho, que responsabilizam cada pessoa pelo seu sucesso ou fracasso, desconsiderando as questões políticas e de oportunidade, como também os aspectos positivos da vivência do nada fazer.

Afirma Franch (2002.p.129):

É destacada a importância das atividades oferecidas para fazer face ao que é entendido como uma das mais perigosas mazelas que cercam a vivência juvenil: a ociosidade. Com efeito, existe um consenso a respeito da necessidade de os jovens terem o máximo de ocupações no seu tempo livre, já que a desocupação é responsabilizada pela queda de alguns jovens na armadilha do crime, além de ser vista como a causa de inúmeras falhas no caráter ou na moral de rapazes e moças.

Segundo Sarriera et al (2013), a percepção que os adolescentes fazem do seu tempo é influenciada pela capacidade de organização e pela percepção do mesmo, o que reforça a importância da motivação pessoal, da autonomia e da liberdade para escolherem, sem o controle

do meio externo, as atividades que lhes proporcionam maior satisfação. É a qualidade do tempo, ou seja, o quanto os adolescentes percebem que são capazes de se organizar para aproveitá-lo, que demonstra significativa influência em seu bem-estar, sinalizando a importância e a necessidade de considerar a experiência, a vivência e o significado de seu tempo livre.

Por fim, vale ressaltar que a vivência do tempo livre pelos adolescentes de maneira mais autônoma e dotada da real liberdade de escolha pode estar atrelada tanto às questões socioeconômicas e culturais, como também à ideia de subjetividade, com toda a importância que esse termo invoca e pode contribuir para essa fase fundamental da vida dos sujeitos.

5 METODOLOGIA

A pesquisa foi baseada num estudo exploratório de abordagem qualitativa. A revisão da literatura se deu por meio da busca nas bases de dados Scielo, Lilacs e BVS tendo como referência os descritores: tempo livre, saúde do adolescente, ócio e adolescência. Para o trabalho de campo, foram realizadas uma entrevista semi-estruturadas e um grupo focal. Os roteiros encontram-se nos Apêndices A e B.

Segundo Minayo (2007), o trabalho de campo é essencial para a construção de um conhecimento empírico em pesquisas qualitativas, pois este permite que haja uma aproximação com a realidade que provém a pergunta do estudo e uma maior interação com os indivíduos inseridos naquele determinado contexto. Os sujeitos de investigação no campo, inserem-se numa relação de intersubjetividade, interação social com o pesquisador, o que resulta em uma descoberta composta por hipóteses, interações, observação, entrevistas.

O campo da pesquisa foi a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ, que tem como objetivo de aperfeiçoar e qualificar profissionais que atuam ou venham a atuar na área da saúde. A Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio (EPSJV) oferece cursos de qualificação técnica para trabalhadores da área da saúde e de educação profissional técnica integrada ao ensino médio, este em horário integral e tendo como alunos adolescentes e jovens. Atualmente, os cursos profissionais técnicos integrados ao ensino médio e oferecidos pela escola são os de Análises Clínicas e Gerência em Saúde. É válido ressaltar que a educação profissional técnica da EPSJV tem em sua programação escolar um turno semanal livre, e que seu Projeto Político Pedagógico fundamenta-se no conceito de politecnia, isto é, busca, além da qualificação técnica, a formação crítica e reflexiva de seus alunos.

Para a investigação sobre as implicações do processo de inclusão do turno de tempo livre na grade escolar foi realizada uma entrevista com profissional indicado pela direção da unidade. Também foi realizado um grupo focal com alunos, definidos por série, sexo e idade com o objetivo de conhecer e analisar as concepções e usos do tempo livre dos participantes, bem como a importância que eles atribuem ao turno livre da grade escolar. A escolha do número de participantes foi baseada considerando a proporção média do total de estudantes em cada curso de habilitação técnica de nível médio existente na escola. A observação presente em todo o processo de coleta de dados baseou-se no que foi dito diretamente pelos atores e por tudo o que

pode ser captado da realidade pesquisada, e as informações foram construídas a partir do diálogo com os participantes. As entrevistas, bem como as discussões dos grupos focais, foram gravadas e transcritas na íntegra para posterior análise. No Apêndice C está a descrição mais detalhadas dos participantes.

A análise do material empírico foi realizada com base na Análise de Prosa, que consiste em um meio de levantar questões sobre o conteúdo de um determinado material incluindo as mensagens intencionais e não intencionais, verbais e não verbais, alternativas e contraditórias. Embora esta técnica utilize as mesmas etapas da Análise de Conteúdo, como a pré-análise, a exploração do material e o tratamento dos resultados, através de inferência e interpretação, a Análise de Prosa não estabelece categorias, ela gera tópicos e temas a partir do exame dos dados e da contextualização do estudo.

Segundo André (1983), “a Análise de Prosa visa apreender o caráter multidimensional dos fenômenos em sua manifestação natural, bem como captar os diferentes significados de uma experiência vivida, auxiliando a compreensão do indivíduo no seu contexto”, o que auxiliou na discussão e interpretação sobre a importância do tempo livre na formação desses adolescentes.

Para a realização do trabalho de campo este projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) da EPSJV-Fiocruz. A garantia do anonimato e o sigilo em relação aos dados dos participantes, deixando claro a contribuição destes para a realização e conjunto do trabalho, foram firmados através do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido que encontra-se no Anexo A.

6. O TEMPO LIVRE NA GRADE ESCOLAR: A EXPERIENCIA DA EPSJV

Qual presente que cabe ser dado a uma escola? O melhor presente, por ser escola, há de ser o encontro com o que a provoca, que há muito se diz sem se ouvir: o ócio.

(MALHÃO, CORTES E LIMA, 1987)

O campo onde a pesquisa se desenvolveu foi a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio/FIOCRUZ (EPSJV). Esta escola dedica-se, desde a sua criação em 1985, a aperfeiçoar e qualificar profissionais que atuam ou venham a atuar na área da saúde, com uma formação técnica, ética, política, ofertando cursos de qualificação técnica para trabalhadores da área da saúde e de educação profissional técnica integrada ao ensino médio, este em horário integral e tendo como alunos adolescentes e jovens. Atualmente, os cursos profissionais técnicos integrados ao ensino médio e oferecidos pela escola são os de Análises Clínicas e Gerência em Saúde. Em seu projeto político pedagógico, a concepção de educação compreende a educação como um projeto de sociedade e como instrumento de luta contra a divisão social do trabalho e a dominação, sendo assim defensora da concepção politécnica.

Politecnia significa a formação integral do indivíduo, propiciando-lhe a apropriação do saber historicamente elaborado pela humanidade por meio do trabalho, a competência técnico-instrumental necessária ao cumprimento de funções no trabalho e a possibilidade de construir uma visão crítica e engajada na transformação das relações sociais do mundo em que está inserido (MALHÃO, CORTES E LIMA, p. 30, 1987).

Nesta perspectiva, o trabalho é concebido como constituinte social, que permite ao homem enxergá-lo em sua realidade concreta e histórica. O intuito da construção da EPSJV foi a criação de um espaço de questionamentos, de produção intelectual e material, que permitisse justamente a superação da visão coisificada, tecnicista e mecanizada do trabalho que impulsionou a regulamentação do ensino profissional técnico no país na década de 1940, que possuía como característica a valorização das disciplinas de formação geral, o que fazia com que muitos estudantes ingressassem nesses cursos a fim de conseguir futuramente, um diploma de ensino superior. Porém, como o sistema universitário não comportava a entrada cada vez maior estudantes do mesmo modo que faria o mercado de trabalho quando esses estudantes se

formassem, em 1971, o regime militar instituiu uma lei que universalizava o ensino profissionalizante no nível médio (na época chamado de segundo grau). O intuito da lei era oferecer ao aluno um ofício para que não houvesse a necessidade da procura do mesmo pelo ensino superior após a conclusão do ensino médio, de modo que após formado, ingressasse diretamente no mercado de trabalho. Desse modo, privilegiava-se as disciplinas da formação técnica/profissionalizante em detrimento das disciplinas da formação geral, que eram o foco dos alunos interessados em prestar vestibular. (MALHÃO, CORTES E LIMA, 1987).

As escolas particulares conseguiram meios de burlar a lei e continuar atendendo a demanda de seus alunos, enquanto que as escolas públicas, voltadas principalmente ao ensino dos filhos da classe trabalhadora, tiveram de se submeter ao novo modelo. Com isso, tornou-se clara a divisão entre formação geral e específica, entre os que teriam a oportunidade de ingressar em uma universidade pública ou não, entre os que seriam ensinados a pensar ou a somente seguir regras, entre os filhos da classe dominante e os filhos do proletariado. A fim de superar essa dicotomia, desejou-se construir uma escola politécnica de saúde na Fundação Oswaldo Cruz, apresentando ao estudante uma formação mais ampla, em que ele pudesse aprender os conhecimentos específicos relacionados ao técnico na área da saúde, juntamente com os conhecimentos gerais produzidos pela humanidade (MALHÃO, CORTES E LIMA, 1987).

Outras questões para o funcionamento da escola politécnica que os autores nos apontam e que considero de extrema importância estão relacionadas ao conceito de liberdade que o aluno vivenciaria nessa escola, sendo capaz de circular pelo campus da Fiocruz, frequentar as oficinas, laboratórios e bibliotecas, bem como participar das atividades desenvolvidas pelo núcleo cultural da fundação e de demais atividades que enriqueceriam seu aprendizado e formação, enquanto estudante, cidadão e ser humano. Entende-se que para vivenciar essa liberdade, para ter a oportunidade de explorar o seu local de conhecimento e aproveitar de fato o que uma escola deve oferecer para a formação de seus estudantes e para a formação de cidadãos pensantes e dotados de senso crítico, o melhor presente a ser dado a uma escola seria realmente o ócio, que aqui deve ser entendido como:

(...)o encontro de uma escola com o que a provoca, pois encontrar-se com uma escola é encontrar-se com a hora humana do homem. A escola também deve ser o lugar do ócio, o lugar social de ensinar a pensar e a fazer política, a pensar e fazer-se desde uma totalidade teórico-prática. (Malhão, Cortes e Lima, p. , 1987).

A fim de entender um pouco mais sobre a importância do tempo livre na grade curricular na EPSJV, foi realizada uma entrevista semi estruturada com profissional da coordenação da escola. Na entrevista foram abordadas questões como, a integração curricular, a mudança de currículo de três para quatro anos e a maneira como é pensado o tempo livre de seus alunos, bem como a implantação do turno livre na grade curricular da escola.

Na entrevista foi relatado que a Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio tradicionalmente oferece os cursos de educação profissional técnica de nível médio em quatro anos, sempre defendendo a integração curricular, porém, durante um período de tempo, foi mantido o currículo em três anos. Anteriormente, houve a implantação do chamado “projeto quarta série” no currículo, que contava com o desenvolvimento da monografia, no entanto, esse projeto se reformulou e como resultado a escola apresentou um curso integrado, com a manutenção dos três anos incluindo também a elaboração da monografia. Nesse modelo, a percepção de muitos alunos era a de uma carga excessiva de trabalho, que vinha acompanhada de uma grande privação de coisas que fazem parte do cotidiano de um jovem e de um adolescente, como o contato mais intenso com a família, além de outras atividades que o jovem estava acostumado a fazer no âmbito de sua comunidade. As queixas eram recorrentes e também se notava que o aluno realmente não tinha muito tempo, nem mesmo para estudar fora da escola, não havia nenhum tipo de brecha no currículo.

Ou seja, na prática a escola estruturava seu currículo em três anos, com duas formações (nível médio e profissional técnica) e, contraditoriamente, por mais integradas que fossem essas formações, existiam limites para a sua prática efetiva, como dificuldades que vinham desde a formação dos professores – acostumados a trabalhar e pensar de determinada maneira, pois esse foi o histórico de formação de seus saberes escolares – e dificuldades de entender como a integração curricular poderia acontecer de fato na escola. Se por um lado compreendia-se o desafio imposto na realidade, por outro se ouvia as queixas dos estudantes em relação à extensa carga de trabalho e conteúdo no cotidiano desses adolescentes, sobretudo para aqueles que moravam mais distantes da escola, com o tempo médio de duas ou três horas para ir e voltar em transportes públicos precarizados, o que ainda é bastante comum. Além disso, foi apontada a necessidade do adolescente ter tempo para outras atividades que não fossem as escolares.

(...) Não é só ficar dentro da escola ou lidar com as demandas de dentro da escola, mas isso, quer sair, quer conhecer, quer conversar, quer gazetear, quer nada, ele também quer

ficar “de papo pro ar” um pouco, enfim, não é a mesma de você esperar um trabalho concentrado e disciplinado para o adulto e para o adolescente (Entrevistado).

Após a reforma curricular de 2007, a EPSJV retornou ao currículo de quatro anos, com o objetivo de tornar mais flexível e menos sofrida a experiência de seus estudantes, seja nas disciplinas comuns, seja no desenvolvimento da monografia e do estágio, visto às grandes demandas sobre os alunos, como as atividades das disciplinas do ensino médio e da habilitação técnica, a elaboração da monografia, o estágio e a preparação para o ingresso ao ensino superior. A mudança para quatro anos foi uma proposta da escola em melhorar a proporcionalidade entre o tamanho do curso e o tamanho do tempo, o que também contribuiu para a maior idade dos alunos ao concluírem o curso.

Além desta reforma curricular, segundo o entrevistado a escola considerou também que não seria proveitosa ou interessante uma experiência de ensino, aprendizado e vivência em uma escola que não respeitasse o bem-estar do ser humano e a complexidade que abarca a fase da adolescência. Era importante constatar que o estudante possuía uma vida dentro da escola, com uma gama de tarefas e responsabilidades, como a prestação do vestibular, iniciação científica, estágio e demais deveres colocados pela própria escola, mas também uma vida fora da escola, relacionamentos sociais e outras atividades de seu interesse. Os estudantes relatavam que não viam mais suas famílias, que mal se alimentavam e mal descansavam, porque chegavam exaustos a casa. E o agravante era vivenciar essa falta de qualidade de vida no cotidiano durante três anos, não era um curto período de tempo.

Então, não era nunca bom isso, era uma loucura correr atrás de gente pra dar apoio psicológico, pra levar pro NUST porque ficava doente, não almoçava, desmaiava. Esse era o problema, chegava a ser um deboche pra gente, uma escola de saúde ter um lugar de produção de tanta doença (Entrevistado).

Com base neste cenário, foi implantado o Turno Livre na grade curricular e posteriormente um dia para realização de outras atividades artísticas e culturais, denominado turno das “Atividades Diversas”. O turno livre foi pensado em decorrência da extensa carga horária vivenciada pelos estudantes, um modo de melhor distribuir a carga horária do aluno durante os quatro anos. O dia da semana escolhido para esse turno – a quarta-feira – também foi estratégico. Objetivava uma pausa, um descanso, no meio da semana, que não possuísse um caráter de final de semana.

Segundo o entrevistado, a discussão acerca do turno livre e o novo planejamento do curso foi questão de deliberação coletiva, não foi inspirado em outra instituição e o debate com os professores é que apontou como seria feita essa distribuição de todos os componentes curriculares.

(...) Se não fosse por ócio nós não teríamos conseguido produzir a técnica que temos. Se precisa de outras coisas, se precisa ouvir as diferenças, namorar, fazer nada, dormir mais um pouco, precisa conversar com outras pessoas. Tempo livre pretende recuperar essa possibilidade, não recupera provavelmente, mas é o pouco que a gente pode fazer. Por isso eu insisto em falar isso, você vai trabalhar melhor isso quando conseguir trabalhar de fato o que é a expectativa de formação para o jovem. Tem que pensar o jovem tem que pensar esse momento da formação, tem que pensar o que é o ensino médio (Entrevistado).

As Atividades Diversas, que ocorrem às quintas-feiras à tarde, são atividades que acontece paralelamente ao curso e visam possibilitar maior interação e integração entre os alunos, além de proporcionar ampliação do repertório dos estudantes e possuir um caráter mais flexível em relação às outras atividades da escola, no sentido em que os estudantes podem propor algumas atividades a serem realizadas neste dia e estas se constituírem de forma menos padronizada e mais atrativa, que pudessem também diminuir a carga de tarefas escolares.

A proposta das quartas e quintas-feiras vieram na intenção de tornar o corpo da escola melhor executável, tanto com o intuito de beneficiar no desenvolvimento escolar, como no intuito de trazer benefícios à saúde, à vida cotidiana, a melhor sociabilidade dos estudantes no seu meio familiar e no meio de sua comunidade. A experiência por si só é complicada, existem problemas na mobilidade do aluno até a escola, principalmente se este reside longe da instituição e ainda havia os problemas com a extensão da carga horária. Os alunos adoeciam muito e eram adoecimentos crônicos. Havia reclamações recorrentes dos estudantes devido ao cansaço e à falta de tempo, ou ainda que essas reclamações não fossem colocadas de fato na fala, estas eram notáveis, percebia-se as perdas dos estudantes. Estas mudanças, embora com o objetivo de diminuir tais problemas e tensões, ainda são carregadas de contradições, pois se por um lado há o desejo que os estudantes aproveitem o máximo possível de atividades que a escola pode oferecer, por outro há uma incompatibilidade com a atitude de alguns professores em repor suas aulas durante esse período, o que não deveria acontecer, pois as atividades diversas, como o próprio nome já indica, não se constituem enquanto outro turno livre ou de aula, mas sim como um espaço na grade em que é possível realizar atividades extracurriculares que não sejam tradicionais ou sistemáticas.

Dado que a EPSJV é uma escola de saúde, se constituía uma contradição o pensamento de que o lugar escola precisava ser produtor de uma baixa qualidade de vida e sofrimento. O aluno saía da EPSJV com um excelente repertório, no entanto, estava sempre exausto, adoecendo, se arrastando. Eram nítidas as dificuldades dos estudantes, havia reclamações das inúmeras tarefas e trabalhos demandadas pelos professores. O debate da integração curricular é demasiadamente complexo, pode se dizer que na verdade o problema não estava no tempo, e sim na maneira como este era ocupado. Uma proposta seria a integração maior dos conteúdos, presumindo que deste modo as demandas sobre os alunos seriam reduzidas, por outro lado, essa afirmação poderia implicar no corte de conteúdos de uma maneira impensada. Deveria haver mais discussões acerca da integração curricular, pois a ausência de reflexões sobre esse tema gera dúvidas e nebulosidade, sendo um problema para o seu próprio desenvolvimento.

7 CONCEPÇÕES E USOS DO TEMPO LIVRE

(...)Eu acordo prá trabalhar
Eu durmo prá trabalhar
Eu corro prá trabalhar
Eu não tenho tempo de ter
O tempo livre de ser
De nada ter que fazer
Eu às vezes fico a pensar
Em outra vida ou lugar
Estou cansado demais(...).

(Capitão de Indústria - Paralamas do Sucesso)

Como dito em Munné (1980), o tempo livre é um dos quatro tipos de tempo social existindo também o tempo sociocultural (tempo do lazer), o tempo socioeconômico (tempo de realizar tarefas), o tempo biopsicológico (tempo de descanso), o tempo livre (tempo do ócio). As concepções de tempo livre para os participantes deste estudo englobam todos os outros tempos, mas desde que eles sejam livres de obrigações. O que pode ser observado nas seguintes falas:

É o tempo em que você faz o que você quer fazer, um tempo disponível, que você tem opções de fazer o que quer fazer (3M-G)

Tempo livre é um tempo mais pro prazer, não pra responsabilidade, então mesmo que a gente diga, “ah o tempo livre é um tempo pra gente fazer alguma coisa”, já é uma responsabilidade. E pra mim o tempo livre também tá mais ligado ao ócio, ao relaxamento propriamente dito, um tempo fora do cotidiano, sabe? Um tempo pro lazer, de permissão, né? De explorar sua vida, os lugares (5M--G).

Nesta perspectiva foi possível observar múltiplas concepções que os adolescentes possuem sobre o tempo livre. Em todas as concepções o tempo livre é entendido como um tempo atrelado à liberdade, um tempo em que o adolescente possui autonomia e direito de escolher o que e com quem realizar, seja na vida social ou pessoal.

De forma geral, o tempo livre foi associado ao **tempo de lazer**, como “*uma hora em que você pode sair, curtir (...)*”(5F-G), porém, segundo as falas, nota-se que a maioria não aproveita o tempo livre para realizar atividades culturais ou de entretenimento, seja pela dificuldades de acesso, de consentimento dos pais e, principalmente, pelo extremo cansaço vivenciado:

Hoje em dia eu prefiro dormir do que ver um filme, do que ler (2F-G).

Eu fiz isso no cinema. Paguei pra dormir(...) As vezes o meu corpo controla a mim mesmo, porque eu fico com o pensamento: “Caraca eu vou fazer, vou virar a noite vendo série, vou virar a noite fazendo tal” . Daí eu vou ver, não tô conseguindo mais levantar em pé, tenho que dormir (2M-AC).

Segundo Pouzas (2012), a dimensão da cultura e conseqüentemente a do lazer, constituem como espaços privilegiados de práticas, representações, de interações subjetivas e grupais. Desta maneira o lazer na juventude não se constitui apenas em realizar atividades tradicionais ligadas à família, às novas obrigações, mas pode representar um espaço de resignificação da condição humana, de liberdade e de fomento à formação crítica e criativa. A restrição dessas atividades impede outras formas de usos do tempo livre que poderia contribuir para esta formação.

Para Sarriera et al (2013), o uso do tempo livre para o convívio social, familiar, para o desenvolvimento de habilidades físicas e para a ampliação do conhecimento influencia favoravelmente a formação dos adolescentes e suas maneiras de interagir no mundo. O contexto cultural e socioeconômico pode operar como estímulo ou restrição no acesso à realização dessas atividades, revelando muitas vezes desigualdades de oportunidades de práticas de lazer e cultura.

(...) E também acho que aqui no Rio de Janeiro a gente tem muito pouca possibilidade de lazer, de aproveitar a cidade, por exemplo, os museus, a maioria são no centro, são lugares difíceis de entrar no fim de semana, são lugares que a gente deveria entrar gratuitamente, inclusive. Os cinemas, eles só ficam dentro dos shoppings, são sempre os mesmos restaurantes... É, e nós que somos estudantes de escola pública, ainda exigem o dinheiro pra poder frequentar e os espaços de cultura, de encontro da juventude são muito poucos, sabe? (5M-G).

Muitas vezes as práticas interativas são realizadas estritamente pela internet. A internet, que atualmente ocupa um lugar relevante nas mudanças tecnológicas nos tempos atuais é uma das formas de mídia que exerce uma grande influência no modo das pessoas se relacionarem ocupando, segundo Silva (2002, p.7), “o lugar do “outro” no processo dialógico que funda as relações de sociabilidade e de formação de identidade”. Muitos jovens têm crescido numa convivência estreita com essa tecnologia, o que pode estar influenciando seu convívio social e o uso de seu tempo livre.

Falando de internet, eu gasto muito tempo na internet, mas eu não acho que é um tempo desperdiçado, eu me divirto, sabe? É muito bom. Meu tempo livre é com a internet (4F-AC).

Mas também a gente tem que ser sincero, na atualidade a gente passa muito tempo na internet. E às vezes a gente usa esse tempo do nada na internet, e a gente não percebe o tempo passando. Eu costumo falar que a gente tem duas vidas, a gente agora controla o nosso avatar, nosso bonequinho da internet, que está sempre atualizando as fotos, as conversas. No meu tempo, isso ocupa muito (5M-G).

O uso dos celulares, com seus aplicativos de mensagem e o acesso às redes sociais descritos como usos constantes por parte dos adolescentes foram entendido como meios de informação, comunicação e diversão. Porém, segundo Bondía (2002), o excesso de informação

não significa maior experiência, muito pelo contrário, visto que a informação não deixa lugar para a experiência, que segundo o autor, é o que nos coloca em contato com a nossa subjetividade, é o que nos toca e nos move. O sujeito da informação, segundo o autor, sabe muitas coisas, no sentido de estar informado, mas sabe muito pouco, no sentido da sabedoria.

Sair com amigos á noite, ir ao shopping, são também formas de utilizar o tempo livre como lazer, mesmo não sendo algo tão apontado como o uso da internet, mas as saídas são restritas, seja pelo cansaço, pela restrição dos pais ou responsáveis ou pelo sentimento de falta de segurança. Alguns entrevistados relatam que evitam sair para determinados lugares e em determinado horário, principalmente se estiver anoitecendo ou o tempo estiver chuvoso, o que se pressupõe que alguns locais ficariam mais esvaziados, aumentando assim as chances de vulnerabilidade, com a possibilidade até mesmo de colocá-los em situações de assalto ou demais tipos de violência. Portanto, essas atividades apresentam diferenças quanto ao hábito, à satisfação e possibilidades que os jovens possuem ao praticá-las, de acordo com o gênero, idade, nível socioeconômico e aspectos culturais.

Vale ressaltar que ainda que as atividades apontadas no estudo não englobem todas as praticadas na adolescência, é interessante observar que não houve nenhuma atividade relatada pelos adolescentes e realizada por eles em seu tempo livre, que tenha sido considerada inapropriada ou que os colocassem em situação de risco ou vulnerabilidade. A partir daí, é possível acentuar a reflexão de que a vivência do tempo livre pelos adolescentes de maneira mais autônoma e dotada da real liberdade de escolha pode estar mais atrelada à ideia de subjetividade, com toda a importância que esse termo invoca e pode contribuir para essa fase fundamental da vida dos sujeitos.

Em relação às maneiras como os adolescentes concebem o tempo livre, ainda apareceu a relação com um tempo de dar conta das responsabilidades e compromissos, justamente o que a escola impõe como tempo livre, o que para o entendimento da pesquisa não seria de fato livre, visto que este é livre de obrigações, quando o sujeito possui direito à escolha do que realmente tem interesse em realizar ou de não realizar nada. A relação com esse tempo de responsabilidade apontada pelos jovens pode ser percebida neste diálogo:

(...) tempo livre é parar um pouco pra estudar, fazer um pouco dos trabalhos que eu tenho pro outro dia ou pra semana que vem, quando tem que estudar a gente fica, meu Deus do céu! Cadê o tempo livre? (2M-AC).

De acordo com o grupo focal, foi possível observar que a concepção que os pais, no geral, possuem em relação ao tempo livre de seus filhos pode gerar atritos e incompreensões. A crença de que estudo não é um tipo de trabalho e, portanto, não provoca desgastes, como pode ser evidenciado na frase “você só estuda”, atribuindo ao estudo o significado de menor esforço ou esforço insuficientemente capaz de causar cansaço. As cobranças feitas pelos responsáveis em relação a se estudar mais ainda ao chegar a casa e o incômodo ao ver os filhos descansando também são recorrentes, talvez devido à preocupação que os pais têm de querer o melhor para seus filhos, e de acordo com o modelo de sociedade, o melhor seria estar a todo tempo ocupado, realizando alguma atividade, estudando, se especializando para atingir um objetivo maior, como o ingresso em uma universidade, por exemplo, como foi apontado no diálogo o estudo para o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM).

Por outro lado, também é possível encontrar falas em que o responsável compreende o esgotamento de sentido pelo estudante, como por exemplo: “A minha mãe entende. Ela tem dois empregos” (3F-G). Nesse exemplo, o fato da responsável possuir dois vínculos empregatícios contribui para uma melhor compreensão da situação de sua filha, talvez por vivenciarem situações similares, não em relação às atividades em si, mas ao cansaço que as mesmas proporcionam. Em outro exemplo, o mesmo não acontece: “*Eu tenho uma coisa pra mim que é assim: Minha mãe vive falando na minha cabeça, mas eu falo ‘calma consciência, minha mãe não viveu nessa escola, sabe?’*”.

Outra forma de utilizar o tempo livre está relacionada à diminuição do cansaço, que é relatado por todos. Usar o *tempo livre para o descanso* é uma forma de se fortalecer para enfrentar a “barra” cotidiana. Segundo Sant’anna (1994), o descanso semanal é proporcionado com a intenção de tornar o trabalhador mais produtivo durante o tempo de trabalho, sendo o descanso semanal uma forma de reposição de energias. A lógica do trabalho parece também se aplicar nesta concepção de tempo livre, pois para os adolescentes esta vivência é possível principalmente nos finais de semana, a hora de dormir e sexta-feira à tarde, em que há maior proximidade com o fim de semana. A partir de então podemos observar que o tempo que os jovens consideram livre ainda está muito atrelado aos dias de descanso colocados pela sociedade, dias específicos em que no geral, as atividades de trabalho ou estudo deveriam ser reduzidas. Dormir é umas das principais atividades que os jovens preferem realizar nesse tempo livres, seja na aula, na ida e volta da escola, seja nos finais de semana. O sono quase sempre é resultado do

cansaço causado pelas atividades escolares. Ter tempo para dormir, também é não ter tempo para outras atividades sociais e culturais, de lazer.

No início do ano a gente começou a sair, só que depois o cansaço é tão grande, físico e mentalmente, que é melhor você dormir o fim de semana todo. (...) Eu venho pra escola dormindo e volto dormindo e continuo dormindo... Esse final de semana eu dormir o final de semana todo, não fiz nada (3F-G)

Eu tenho um pensamento que se eu parar eu vou morrer, porque eu acho que vou cair ali no chão desmaiado, dormindo. Não dá gente, não dá (4M-AC).

Vivemos numa sociedade de desempenho, na era da exaustão, do cansaço, da multitarefa, (HAN, 2015). Em uma sociedade voltada para o trabalho, não tardaria para esse tipo de vivência se refletir no contexto escolar, meio em que se constitui a porta de entrada para o mundo do trabalho. Para tanto, os sujeitos entram em contato com o extremo cansaço e a sobrecarga de tarefas já na adolescência, em detrimento de um tempo livre e unicamente seu. Há restrição desse tempo de liberdade para que seja possível dar conta de tantas obrigações e do tempo de descanso, fundamental para o ser humano, pelo qual se é capaz de dar continuidade de atender às demandas. Mas até mesmo para vivenciar esse tempo os jovens estão tendo dificuldades, devido à quantidade de tarefas que lhes são atribuídas, o que acarreta em perda de foco e concentração, e logicamente na percepção da incapacidade de dar conta de tudo.

É válido apontar a afirmação de que a terceira série é cansativa, de acordo com os participantes, provavelmente a série mais cansativa dos quatro anos, a ponto de alguns não conseguirem dar conta da quantidade de tarefas impostas por conta do próprio cansaço, como a participante 3F-G coloca que dormiu o final de semana inteiro e não conseguiu produzir nada.

Outra concepção de tempo livre pelos adolescentes é o do *tempo do nada fazer*. Este tempo pode ser entendido como o tempo do ócio, que, em termos subjetivos, significa ocupação desejada, apreciada, resultado da livre escolha (PINHEIRO, RHODEN E MARTINS, 2010). Este tempo, embora bastante impregnado de significados negativos, principalmente pelos adultos, está atrelado às emoções, conectando-se muito mais ao mundo interior de quem o vivencia do que a aspectos como nível econômico, formação ou tempo. O ócio é uma experiência que pode integrar o modo de ser de cada indivíduo, expressando sua identidade. Observou-se que muitos dos participantes vivenciam esse tempo como tal, principalmente os que estão no terceiro e quarto anos.

Eu penso no tempo do nada. (...) Eu adoro! É porque você ainda não tá no 3 ano, no ano que vem você vai chegar em casa e ficar assim (3F-G).
Deita no chão e olha pro céu (4M-AC).

Vai ficar olhando pro teto e vai achar o máximo (3F-G).

Às vezes não é nem sono, é só vontade de ficar deitada, olhando pro teto, olhando pro nada. Nem mexendo no celular, nada, só ficar deitada fazendo nada (2F-G).

Há, por outro lado, jovens que revelam uma persistência em buscar uma ocupação no tempo livre, que não se sentem bem com o tempo do nada fazer. Han (2015) aponta uma relação do tédio com o andar, afirmando que quem se entedia no andar e não tolera essa sensação, andaré inquieto e se afundará naquela mesma atividade, por outro lado, quem tolerar o tédio, após um tempo reconhecerá que o próprio movimento de andar que realmente o entediava. Desse modo, procurará outro movimento, como a dança, por exemplo. O tédio auxiliaria nesse processo de se libertar de algo monótono como o andar, para algo inovador e que foge do princípio do desempenho, como a dança. Porém, ainda segundo o autor, a atenção dispersa vivenciada pelo atual modelo de sociedade, com mudança de foco das coisas de modo muito rápido, faz com que as pessoas no geral, inclusive os adolescentes, se sintam entediadas e apresentem uma tolerância bem pequena para esse tédio, não se permitindo vivenciar um tédio profundo e que também contribui para um processo criativo, pois há a necessidade de juntamente com o descanso do físico, haver o descanso do espírito.

Eu procuro me ocupar, não gosto de ficar sem fazer nada não (3M-G).

Quando eu não vou pro treino, eu chego em casa e eu começo a jogar, eu nunca tenho um “nada pra fazer”. (...), tenho que estar ocupado com alguma coisa... Desde estudar, ir ao mercado ou fazer qualquer coisa, qualquer besteira, do que ficar em casa parado, sem fazer nada, olhando pra parede (1M-AC).

Para Sarriera et al, (2013), a percepção que as pessoas fazem de seu tempo é influenciada pela percepção do mundo, pela capacidade de aproveitamento deste tempo. Sendo assim, quando o tempo não está relacionado a alguma ocupação ou compromisso, pode ser percebido como improdutivo. Observa-se em algumas falas que o tempo livre, muitas vezes é percebido como um tempo improdutivo, como se a autonomia e a criatividade não pudessem estar relacionadas à liberdade em seu sentido mais amplo. Porém, em outras falas o tempo livre é vivenciado de forma íntima, é o tempo para si, sem pensar em nada, entregue aos seus próprios pensamentos, na busca de bem-estar.

Tem um tempo que eu amo, que é de noite, de noite eu vou lá embaixo, desço a escada, só fico em silêncio (...) (3M-G).

Acho que o meu maior conforto no tempo livre é o fone de ouvido. Por mais que eu esteja sem sono, o fone de ouvido me deixa num outro espaço, no meu espaço, sei lá (2M-AC).

Ainda segundo Sarriera et.al (2013), é a qualidade do tempo, ou seja, o quanto os adolescentes percebem que são capazes de se organizar para aproveitá-lo, que demonstra significativa influência em seu bem-estar. Sinalizando a importância e a necessidade de considerar a experiência, a vivência e o significado do que acontece neste tempo. Daí que muitos adolescentes apontam a necessidade de estar apenas consigo mesmos, de aproveitar o tempo livre, o tempo do nada fazer. Porém, muitos adultos tendem a querer que os jovens fiquem sempre ocupados, por conceberem o ócio como algo negativo, capaz de contribuir para a delinquência. O provérbio “cabeça vazia, oficina do diabo” é uma expressão deste discurso do senso comum.

Para Constantinidis (2012), os sentidos de um provérbio fazem parte da memória coletiva geralmente apresentam um tom moralista em relação às visões de mundo. Os provérbios difundem uma experiência coletiva, um saber coletivo ou uma ideologia social.

O provérbio "cabeça vazia, oficina do diabo" é muito utilizado para se referir à falta de ocupação resultando em maus pensamentos e suas consequências, além de valorizar a ocupação, o preenchimento do ócio. Reflete uma visão de mundo em que o ócio é visto como ameaçador da moral. Dessa forma, o ócio desorganizador, que traz a delinquência, a loucura, deve ser preenchido pela ocupação organizadora (CONSTANTINIDIS, p.692, 2012).

As interpretações dos adolescentes sobre este provérbio “cabeça vazia oficina do diabo”, revelam além de cobranças, uma visão moralista, que é reconhecida como um aspecto da sociedade, que exige a manutenção constante de “mentes ocupadas”. Neste sentido, surgem reflexões acerca do modelo de sociedade e do sistema econômico atuais, uma sociedade vista como “atarefada”, e que tem como objetivo a produção, sem considerar sonhos e os objetivos pessoais. Houve também quem atribuisse um duplo significado a esse provérbio: o “significado cristão” de que a preguiça é um pecado (4F-AC) e o significado de relacionado ao ócio. Mesmo sendo relacionado ao ócio, este significado é carregado de estigmas, pois o não fazer nada, o não pensar em nada, remete à improdutividade, a não criação de objetivos e metas, o que poderia deixar o indivíduo estagnado. Os adolescentes relatam que essa preocupação é presente em suas famílias. Os pais ou responsáveis querem sempre mantê-los ocupados, o que resulta num sentimento de cobrança constante.

Tem uma coisa dos adultos que eu conheço que é assim : “tempo perdido não volta”. Então, a sua vida tá indo e você não tá fazendo nada, então o tempo que eu tenho livre,

de não fazer nada, é um tempo perdido em que eu poderia estar fazendo alguma coisa pra desenvolver uma coisa maior. E é triste pensar nisso, por que eu vou ficar cansada sempre, vou ter que pensar sempre em alguma coisa maior e sempre pensar no crescimento, e não ter um tempo de lazer? (4F- AC).

Han (2015) afirma que a sociedade do século XXI é uma sociedade de desempenho, não mais uma sociedade disciplinar. O que isso significa é que anteriormente, na sociedade disciplinar, os sujeitos eram sujeitos de obediência, cercados por uma série de instituições muradas, como presídios, asilos, fábricas, hospitais, e a palavra de ordem era a disciplina. A sociedade disciplinar se constituía enquanto a sociedade da negatividade, em que tudo é proibido e a nada se tem direito. A sociedade de desempenho, no entanto, se constitui enquanto a sociedade da positividade, a palavra de ordem passa a ser o poder ilimitado e seus sujeitos passam ser sujeitos de desempenho e produção. “A sociedade disciplinar ainda está dominada pelo não. Sua negatividade gera loucos e delinquentes. A sociedade do desempenho, ao contrário, produz depressivos e fracassados.” (HAN, 2015, p. 24 e 25).

(...) então eu acho que também tem a ver um pouco com isso, que você não é produtivo quando está pensando em nada, então tem que estar fazendo alguma coisa, tem que estar pensando em alguma coisa, tem que tentar evoluir, implantar novas tecnologias e produzir mais rápido (3F-G).

De acordo com o autor, essa positividade da sociedade de desempenho, do poder, não aniquila o dever. Na verdade, as pessoas continuam disciplinadas e tornam-se empresárias de si mesmas. Daí o surgimento de patologias como a depressão. O homem depressivo é aquele que ao mesmo tempo é agressor e vítima. A depressão surgiria no momento em que os sujeitos se dão conta de que não podem mais, de que não possuem poder irrestrito. E essa sensação leva a uma autoacusação e autoagressão, uma verdadeira guerra interna.

Nesse sentido, qual seria a linha que separa as cobranças e pressões externas as quais os adolescentes estão submetidos, daquelas que eles mesmos se submetem? O adolescente desde muito cedo busca “seu lugar ao sol”, uma maneira segura de se inserir na sociedade. Vivencia uma série de competições, como para conseguir uma vaga na universidade ou no mercado de trabalho. Tendo de se especializar cada vez mais a fim de se tornar uma mercadoria mais atrativa em relação aos demais. Daí a inserção em cursos de línguas, em instituições de renome que prometem o tão sonhado ingresso em uma boa escola ou faculdade, em cursos de informática e outras especializações voltadas ao mercado de trabalho, em instituições artísticas e esportivas. Ocupando o tempo presente do adolescente pensando em seu futuro. Essas inserções, quase

compulsivas, em diversas atividades ao mesmo tempo, não advêm somente do medo que muitos responsáveis têm em relação a essa fase da vida, tida por muitos como uma fase de perigos, ou o desejo dos mesmos de um bom futuro profissional para seus filhos, como já foi dito anteriormente, mas há também uma incessante busca e preocupação do próprio adolescente em relação a seu futuro, são influências externas que se internalizam.

Assim os foi ensinados desde crianças, a famosa pergunta: “o que você vai ser quando crescer?” está aí para confirmar. E pensando nesse crescimento estimulado pela sociedade desde muito cedo, o adolescente sente a necessidade de ocupar cada vez mais o seu tempo, esgotando-se ao máximo se preciso for, para dar conta de tantos afazeres e obrigações. Deixando cada vez mais o seu tempo livre de lado e chegando até mesmo a se sentir culpado durante o tempo que não é ocupado por tarefas, a sensação de que se deveria estar fazendo alguma coisa a todo o tempo é constante.

Os habitantes da sociedade de desempenho são senhores e soberanos de si, o que faz com que liberdade e coação se misturem em um único ser. O excesso de atividade se traduz em uma autoexploração intensificada. Como afirma Han (2015, p.30), “Essa é mais eficiente que uma exploração do outro, pois caminha de mãos dadas com o sentimento de liberdade. O explorador é ao mesmo tempo o explorado. Agressor e vítima não podem mais ser distinguidos”.

Finalmente, foram analisadas que as concepções acerca do turno livre na escola variam em parte de pessoa para pessoa, mas também de série para série, conforme a carga horária dos diferentes anos. Outra importante observação diz respeito à vivência desse tempo condicionada ao estudo, visto que alguns trabalhadores sejam professores, coordenadores, diretores, acabam exigindo que o turno de tempo livre seja ocupado em grande parte para atender as demandas das responsabilidades escolares, deixando de ser um tempo destinado à liberdade. Além deste fator, existem outras dificuldades em utilizar livremente esse tempo, como a reposição frequente de aulas marcadas pelos professores e a carência de um espaço destinado ao convívio dos estudantes dentro da instituição escolar. Em relação a esta última, alguns alunos colocam que o turno livre seria mais interessante, nos termos do próprio ócio, se houvesse um espaço para o convívio dos estudantes dentro da escola, pois esta ainda permanece enquanto um espaço restrito à apenas atividades escolares, sem um local apropriado para o descanso, para se relacionar com outros estudantes, para conversar ou relaxar. A ausência deste ambiente de convívio dos adolescentes

intensificaria a jornada de estudos, que já é maçante. Por outro lado, a criação deste local permitiria o real aproveitamento e vivência do tempo livre pelos adolescentes na escola.

A partir desse momento do diálogo, há uma fala direcionada para a utilização do tempo livre fora do espaço escolar. O cansaço novamente é apontado de forma veemente nas falas dos participantes e há questionamentos quanto à semana de provas que foi vista como algo negativo para a maior parte dos adolescentes. Alguns participantes apontaram também para a dificuldade do trajeto da escola para a casa, como problemas de lotação dos transportes públicos, a distância e a demora a chegarem as suas casa; problemas que tomariam proporções ainda maiores nos períodos da semana de provas, pois além do estresse e cansaço rotineiros, há o acúmulo de matérias para estudar para as provas que se concentram naqueles dias.

Quando é semana de prova eu venho pra escola estudando, porque é bem doido (3M-G).

Gente, pra quê semana de provas?! (4F-AC).

Depende da época que tá se passando. Na semana de provas, por exemplo, tempo livre na semana de provas não é tempo livre, é pra estudar, tempo pra ficar que nem um doido estudando. Agora tempo livre numa época um pouco mais tranquila, tempos de paz (3M-G).

Devido ao esforço de terem que utilizar os transportes públicos e se locomoverem até a casa, há uma preferência em permanecer no próprio ambiente escolar. Outras questões também são pontuadas, como a ausência do que fazer em casa ou o aproveitamento desse tempo no ambiente escolar devido à facilidade de convivência com os amigos que em muitos casos residem em diferentes locais, a escola seria então o local de reunião desses amigos para se divertirem juntos, pois é o lugar comum que todos frequentam.

De acordo com o que os adolescentes expuseram, vale ressaltar que, ainda que o tempo livre que a escola apresenta em sua grade seja insuficiente para que o tempo de descanso ou tempo livre seja vivenciado com qualidade, a ausência desse tempo por outro lado, significaria uma experiência ainda mais maçante, mostrando a importância de sua manutenção. Há ainda um apreço por outro tempo que a escola proporciona: o tempo das atividades diversas, que por mais que não seja livre e nem apresente esse intuito, se mostra mais flexível aos estudantes, podendo estes inclusive sugerir as atividades que gostariam de realizar dentro da escola e apresentar outra possibilidade de vivenciar a experiência do aprendizado na escola. A escola, portanto é percebida como um espaço potente para vivenciar o tempo livre.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*(...) Dá-me direito ao açoite
Ao ócio, ao cio
À vadiagem pela rua
Deixa-me perder a hora
Pra ter tempo de encontrar a rima
Ver o mundo de dentro pra fora
E a beleza que aflora de baixo pra cima
(Alma nua - Vander Lee)*

Neste estudo foi possível constatar diversas concepções de tempo e de tempo livre comum a todos os adolescentes, sendo a concepção relacionada à liberdade e à autonomia a que mais se destacou. Porém, em meio a tantas turbulências e a pressão cotidiana advinda das tarefas e responsabilidades, o direito de usar o tempo livre está se tornando cada vez mais escasso.

A sobrecarga de tarefas escolares, que muitas vezes é intensificada pela distância da escola ao local de moradia dos estudantes, o desconforto do transporte público e o trânsito, dificulta a realização de outras atividades fora da escola, como treinos esportivos, cursos de idioma ou preparatórios, aumentando ainda mais a sensação de sobrecarga e de extremo cansaço. Este cansaço é ainda maior nos últimos anos, seja pela maior carga de atividades, com muitas disciplinas, como ocorre no terceiro ano, seja por causa dos diversos desafios vividos no quarto ano, como a entrega da monografia, vivência no campo de estágio, ou das cobranças dos familiares e do próprio adolescente quanto ao seu futuro. Assim, a extensa carga de tarefas leva os adolescentes a sacrificarem momentos de descanso, de diversão e até mesmo de outros estudos, como também dificulta a presença em algumas aulas e em outras atividades propostas pela escola.

A EPSJV proporciona a existência de um turno livre durante a semana em sua grade escolar, porém, os alunos nem sempre conseguem vivenciar a plena liberdade durante esse turno, pois é um período muito curto de tempo se comparado à quantidade de tarefas e responsabilidades que possuem, portanto, não vivenciam totalmente este tempo em todos os sentidos que este termo invoca. Ainda assim, a existência desse tempo é essencial, pois é o único tempo disponível para o descanso e para que os adolescentes possam dar conta da quantidade de tarefas e estudos que são responsáveis, sendo este turno um alívio, algo fundamental para a continuidade no curso.

Embora o turno livre seja importante para a formação desses jovens, visto que este turno propicia, além do descanso, outras experiências relacionadas ao convívio social e à subjetividade, fatores essenciais para a sua formação, o seu uso por parte dos professores é um fator prejudicial para os alunos. Esta prática frequente por alguns professores revela uma contradição presente na escola, visto que a presença em sua grade de um turno livre, não garante a sua efetivação, pois muitas vezes ele é ocupado pelos professores para a reposição de aulas. A importância do tempo livre para a saúde e formação dos adolescentes necessita, portanto, de maior discussão por parte da comunidade escolar.

Essa incompreensão da necessidade da vivência do tempo livre também aparece na análise referente aos pais e responsáveis. Muitos alunos ao chegarem da escola, têm vontade de descansar, de ficar um tempo sem fazer nada, no entanto, os responsáveis exigem a todo o momento que eles estejam ocupados ou que auxiliem em tarefas domésticas, resultando, muitas vezes, em discussões e conflitos, pois os adolescentes estudam uma média de nove horas por dia em cinco dias semanais e têm de dar conta das muitas tarefas escolares deixadas para casa. Muitos responsáveis não compreendem o tempo de estudo como tempo de trabalho ou esforço, e reforçam frases como “você só estuda” para justificarem a inquietação de verem os filhos sem fazer nada.

A falta de segurança e a dificuldade de acesso às atividades culturais também são elementos importantes para se compreender o uso do tempo livre pelos adolescentes e revelam a desigualdade na oferta desses serviços, pois a cidade do Rio de Janeiro concentra uma gama de espaços interessantes de lazer, mas que se situam longe da residência dos alunos, além do fato de muitos cobrarem taxa de ingresso, dificultado ainda mais o acesso dos estudantes, ou seja, os adolescentes sentem-se pressionados, exaustos e com poucas possibilidades de lazer e de cultura, seja pelo acesso, pela segurança, pelo fator econômico e/ou pelo cansaço. Este fato pode estar associado ao uso frequente da internet durante o tempo livre que, embora sentido como lazer, causa certa “angústia”, pois ao não sentirem o tempo passar, os adolescentes acabam deixando de realizar outras atividades, principalmente as escolares.

Outro ponto importante diz respeito à “semana de provas”. O número dos participantes da pesquisa não foi suficiente para fazer nenhuma generalização, porém, a questão da semana de prova precisa ser aprofundada, pois se por um lado esta foi uma deliberação dos alunos, por outro, seus resultados precisam ser discutidos mais amplamente, visto que neste estudo, ela foi

tida como algo sem necessidade e bastante prejudicial aos alunos, pois estes se sentem ainda mais cansados neste período devido ao aumento de conteúdos acumulados para estudar, inflexibilidade de agenda e da relação professor aluno, além da perda de noites inteiras de sono, seja por ansiedade, ou para estudar para a prova.

Foi possível observar também o questionamento sobre o formato do curso em quatro anos. O estudo não pôde apresentar resultados quanto a essa questão, portanto, considero que esse seja um ponto importante que vale a pena ser pesquisado pela instituição de ensino e dialogado com seus alunos.

Como já exposto, o atual modelo de sociedade influencia nas concepções que os sujeitos possuem acerca do tempo livre, muitas vezes atrelando o significado deste como algo ruim, que precisa ser evitado. Os professores e os responsáveis por esses alunos, muitas vezes não se dão conta que o tempo livre é fundamental para o ser humano. Kehl (2009) exemplifica que uma mãe ansiosa, repleta de cuidados excessivos e preocupada de mais com um bebê, acredita que está dando o melhor na criação de seu filho, no entanto, não percebe que essa inquietação constante acaba por interferir no tempo psíquico e de formação do bebê.

Na atual conjuntura, é preocupante pensar sobre o futuro da formação escolar de nível médio, pois ao negligenciar desta formação aspectos importante como o ócio, o lazer, o esporte, as artes e uma série de outros conteúdos e medidas, automaticamente é negligenciado o direito de pensar desse estudante, o direito de questionar. A concepção coisificada do mundo do trabalho permanece desde o início da constituição enquanto ser humano, desde o entrar na escola, agravando-se ainda mais no ensino médio, visto que este pode ser considerado uma última etapa para muitos antes da inserção no mercado de trabalho. É pensada uma formação maquinal do trabalhador, não uma formação racional, sensível e de qualidade, digno do ser humano.

Atualmente, tramitam projetos como a Medida Provisória 746, conhecida como a 'MP do Nível Médio', que altera a atual Lei de Diretrizes e Bases (LDB), estabelecida na lei n. 9.394, promulgada em 1996, e do Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação (Fundeb), criado pela lei n. 11.494, de 2007. A MP do Nível Médio foi publicada sem um processo de discussão com a sociedade e com os educadores, o que indica um conjunto de mudanças que poderão produzir para a educação brasileira uma realidade completamente diferente da formação humana unitária e integral (PRONKO, FONSECA E MARTINS, 2017).

Este estudo não é uma defesa do ócio em detrimento das obrigações, mas sim a constatação de que é preciso repensar o modelo de sociedade, que influencia e é influenciado pelas demandas do capital, pela tecnologia e suas inovações quase que instantâneas e pela exigência da extrema pressa que tem implicações na vida dos adolescentes e na vida escolar. Neste sentido, a escola tem um papel fundamental. Todas as questões apresentadas precisam ser aprofundadas, seja em pesquisas, seja em fóruns de discussão promovidos pela própria EPSJV, visto a relevância dos temas apresentados para a formação dos adolescentes, e pelo fato desta escola defender em teoria a importância do ócio, o que na prática nem sempre se sustenta.

Em meio a tantas turbulências e atropelamentos de um ritmo sociotemporal frenético, o estabelecimento de um tempo livre para estudantes de ensino médio pode ser a possibilidade de criação de ideias inovadoras, revolucionárias ou esclarecedoras, tão necessárias nos dias atuais. O tempo livre, como expressa a canção, pode proporcionar aos estudantes a oportunidade de “ver o mundo de dentro pra fora e a beleza que aflora de baixo pra cima”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AQUINO, C. A. B.; MARTINS, J. C. O. Ócio, lazer e tempo livre na sociedade do consumo e do trabalho. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v. 7, n. 2, p. 479-500, 2007.

ANDRÉ, M. E. D. A. Texto, contexto e significado: algumas questões na análise de dados qualitativos. **Cadernos de Pesquisa**, (45): 66-71., 1983.

BONATO, T. N. Hábitos de Lazer e autoconceito em adolescentes. 2006. 108 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2006.

BONDÍA, J. L. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*. Jan/fev/mar/abr. nº 19, 2002.

Disponível em:

http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141324782002000100003&script=sci_abstract&tlng=pt
Acessado em 30/11/2016

CONSTANTINIDIS, T. C. "Cabeça vazia, oficina do diabo": concepções populares do termo ocupação e a terapia ocupacional. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte , v. 24, n. 3, p. 691-700, 2012.

ESCOLA POLITÉCNICA JOAQUIM VENÂNCIO (org). Projeto Político Pedagógico. Rio de Janeiro, FIOCRUZ, 2005.

FRANCH, M. Nada para fazer? Um estudo sobre atividades do tempo livre entre jovens na periferia do Recife. **Revista Brasileira de Estudos de População**. v .19. n2. jul/10/12/2002.

Disponível em:

http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/rev_inf/vol19_n2_2002/vol19_n2_2002_8artigo_p117a134.pdf

Acesso em 09/08/2016

HAN, B.-C. Sociedade do cansaço. Petrópolis, RJ, Ed. Vozes, 2015.

KEHL, M. R. O tempo e o cão: a atualidade das depressões. São Paulo. Ed. Boitempo, 2009.

MALHÃO, A P S; CORTES, B A; LIMA, J C F. Escola Politecnica de Saúde: uma utopia em construção. In Caminhos da Politecnia: 30 anos da Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio. Org EPSJV. Rio de Janeiro, EPSJV, 2016.

MARTINS, C. M.; FONSECA, A. F.; PRONKO, M. A. Um novo cenário de atraso e destruição na formação de nível médio no Brasil. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p. 5-6, abr. 2017. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1981-77462017000100005&lng=pt&nrm=iso.

Acesso em: 24/02/2017.

MARTINS, J. C. O. Sentidos e possibilidades subjetivas do tempo livre. **Licere.**, v. 11, n.2, p. 1-15, 2008. Disponível em: http://www.anima.eefd.ufrj.br/licere/pdf/licereV11N02_a3.pdf. Acesso em: 13/03/2016

MINAYO, C. S. Trabalho de Campo: Contexto de Observação, Interação e Descoberta. In: DESLANDES, S. F.; GOMES, R.; MINAYO, C. S. (org). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. 26. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2007, p. 61-69.

MELLO, M. C; TOGEIRO, M.F.F.; GAIDZINSKI, R. O tempo no processo de trabalho em saúde: uma abordagem sociológica. **Acta Paulista de Enfermagem**. Vol. 20, n. 1. São Paulo, |Escola Paulista de Enfermagem, 2007, p.87-90.

MUNNÉ, F. Psicossociologia del tiempo libre: um enfoque critico, México, DF: Trilhas, 1980.

PERES, F.; ROSENBERG, C. P. Desvelando a concepção de adolescência/adolescente presente no discurso da Saúde Pública. **Saude soc.**, v. 7, n. 1, p. 53-86, 1998.

PINHEIRO, K. F.; RHODEN, I.; MARTINS, J. C. O. A experiência do ócio na sociedade hipermoderna. **Rev. Mal-Estar Subj.**, v. 10, n. 4, p. 1131-1146, 2010.

Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1518-61482010000400004

POUZAS, U. S. Lazer, juventude e ensino médio-técnico: um estudo sobre as tensões estabelecidas entre processos de escolarização e lazer no Coltec. Dissertação de mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais, 2012.

SANT'ANNA, D. O Prazer Justificado: história e lazer. São Paulo: Editora Marco Zero, 1994.

SARRIERA, J. C. *et al.* Significado do tempo livre para adolescentes de classe popular. **Psicol. cienc.**, v. 27, n. 4, p. 718-729, 2007.

Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932007000400012

Acesso em : 12/03/2016

SARRIERA, J. C. *et al.* O bem-estar pessoal dos adolescentes através do seu tempo livre. **Estudos de Psicologia.**, p. 285-295, 2013.

SILVA, J.O (Org). Saúde na Mídia. Porto Alegre, Dacasa, 2002.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista com Representantes da Coordenação de Ensino da EPSJV

- O tempo livre é abordado na educação Politécnica? De que maneira?
- Qual a visão da EPSJV sobre o tempo livre de seus alunos?
- O que motivou e como foi organizada a proposta de um turno livre durante a semana nesta escola?
- A mudança de currículo de 3 para 4 anos teve alguma influência dessa temática?
- Você tem conhecimento sobre outras instituições de ensino com uma proposta similar? A escola se inspirou em alguma experiência anterior?
- É sabido que alguns alunos permanecem na escola durante o turno livre, você teria alguma hipótese por que isto acontece?
- Os alunos procuram a coordenação da escola ou outras esferas para falar sobre a questão do tempo livre?
- Na sua visão, os alunos passaram a se sentir menos sobrecarregados a partir da instituição do turno livre na grade escolar?
- Como você define tempo livre?
- Quais as formas de utilizar o tempo livre você considera importantes para auxiliar na formação dos alunos?

APÊNDICE B – Roteiro para Grupo Focal com alunos da EPSJV

Questões norteadoras para compreensão das concepções de uso do tempo livre

- Concepções sobre o tempo livre
- Maneiras de uso do tempo livre: no turno livre semanal e nos outras ocasiões (finais de semana, feriados, férias, à noite)
- As formas mais frequentes de uso do tempo livre
- Liberdade de escolha do que fazer durante o tempo livre

APÊNCICE C – Perfil dos Participantes do Grupo Focal

O Grupo Focal foi composto por 10 participantes. Destes, 50% são do sexo feminino e 50% do sexo masculino, com igual percentual também em relação a habilitação técnica, o que se mostra enquanto uma análise bastante igualitária quanto ao gênero e curso. A faixa etária abrangida corresponde dos 16 aos 20 anos de idade, não variando muito o número de alunos para cada idade. Quanto às séries, o percentual é de 10% de alunos da primeira série, seguido por 20% da terceira série, 30% da segunda série e 40% de alunos da quarta série, constituindo-se enquanto maioria, o que permite uma análise mais aprimorada em relação a esta série.

Participantes	Sexo	Idade	Série
1M	Masculino	16	1° AC
1F	Feminino	16	2°AC
2M	Masculino	18	2 ° AC
3M	Maculino	16	2° G
2F	Feminino	19	3° G
3F	Feminino	18	3° G
4M	Masculino	20	4° AC
4F	Feminino	17	4 °AC
5F	Feminino	19	4° G
5M	Masculino	18	4° G

ANEXO

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE

Você está sendo convidado(a) a participar da pesquisa “TEMPO LIVRE: implicações no desenvolvimento pessoal e escolar de adolescentes que estudam em escolas de nível médio em tempo integral”, projeto de monografia da aluna Milena da Silva Guimarães, a ser apresentado à Escola Politécnica de Saúde Joaquim Venâncio – Fundação Oswaldo Cruz (EPSJV-Fiocruz) como requisito parcial para aprovação no Curso Técnico em Gerência em Saúde.

Antes de decidir se participará, é importante que você entenda porque o estudo está sendo feito e o que ele envolverá. Reserve um tempo para ler cuidadosamente as informações a seguir e faça perguntas se algo não estiver claro ou se quiser mais informações. Não tenha pressa de decidir se deseja ou não participar desta pesquisa.

Este projeto tem como objetivo conhecer os significados e as implicações do tempo livre para adolescentes que estudam em escolas de ensino médio de regime integral onde seus estudantes passam a maior parte do tempo, num regime de nove horas diária, para compreender em que medida o uso do tempo livre pode refletir no seu desenvolvimento pessoal e escolar. Sua participação consistirá em responder às perguntas elaboradas durante a entrevista que deve durar em média 1:00h ou participar de um grupo focal com duração aproximada de 1:30h. Não foram identificados riscos significativos relacionados à sua participação. Esclarecemos que você não receberá nenhum auxílio financeiro para participar. O benefício que advém contribuirá para o aprofundamento do tema a ser estudado, bem como para a formação escolar e a iniciação científica da aluna. Os resultados serão devolvidos aos participantes que colaborarem. Por intermédio deste Termo lhe são garantidos os seguintes direitos: solicitar, a qualquer tempo, maiores esclarecimentos sobre esse Estudo; nome e identidade preservados em sigilo; ampla possibilidade de negar-se a responder a quaisquer questões ou a fornecer informações que julguem prejudiciais à sua integridade física, moral e social; opção de solicitar que determinadas falas e/ou declarações não sejam incluídas em nenhum outro documento oficial; desistir a qualquer tempo de participar da pesquisa.

As entrevistas e o grupo focal serão registrados em suporte de áudio e serão feitas anotações. O seu depoimento se constituirá como uma fonte que auxilie no desenvolvimento do estudo.

Você receberá uma cópia deste Termo, podendo tirar suas dúvidas sobre o projeto e sua participação, agora ou a qualquer momento. Caso seja necessário poderá entrar em contato com a pesquisadora responsável, Tereza Cristina Ramos Paiva, pelo número: (21) 3865-9780 ou pelo correio eletrônico terezapaiva@fiocruz.br.

Declaro que compreendi os objetivos, riscos e benefícios de minha participação na pesquisa, e concordo em participar:

Local: _____ Data: __/__/__

Assinatura (Pesquisador Responsável)

Ass.do Participante ou de seu responsável